Índice

Rota de Seiça: Proposta de percurso 3
1. Considerandos 3
2. Descrição do percurso 4
2.1 Troço Seiça-Casenho 6
2.2 Rua-dos-Moinhos 8
2.3 Casenho 9
2.4 Acesso 10
2.5 Arrozal até á Maracha 12
2.6 Maracha – Estação da Telhada 13
2.7 Estação Telhada – Pinhal 14
2.7.1 Interesse histórico da Telhada 14
2.7.2 Percurso em Mata/Pinhal Telhada - Mosteiro 15
3. Derivações 16
3.1 Fonte dos Frades 16
3.2 Arrozais do Rio Pranto 16
4. Outros 18

Rota de Seiça: Proposta de percurso

Esta proposta vem na sequência de vários percursos e reuniões efectuados por elementos do "Grupo da Rota de Seiça da SMS". A Rota de Seiça aqui proposta é o resultado duma reunião realizada a 1 de Maio de 2015 com a presença (por ordem alfabética): Maria Rosa Antonnen, Manuel Cajão, Luis Matias, Guida Medlam, Rui Sousa.

Participaram ainda noutras reuniões e no reconhecimento de alguns percursos (por ordem alfabética): Sérgio Carriço, José Coelho, Rui Couto, Eduardo Mergulhão Dias, Stehanie Ferreira, António José Gaspar, Sílvio Gaspar, Edgar Gonçalves, Paulo Jordão, Célio Pedrosa, Renato Martins, Inês Pinto

1. Considerandos

A rota original encontra-se representada nas figuras 1 e 2.

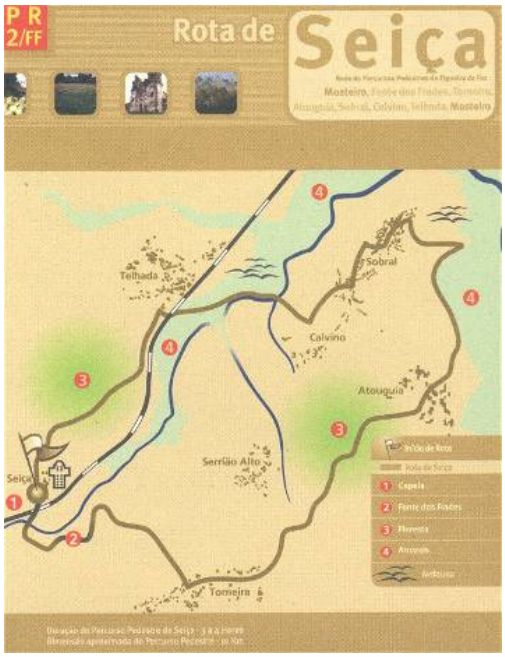


Figura 1 – Rota original.

A rota tinha uma dimensão aproximada de 10 km, prevendo-se a duração do percurso pedestre de 3 a 4 horas.

A rota original enfermava de vários problemas:

- Longos percursos em alcatrão e no interior das povoações
- Um longo trajecto num eucaliptal, agora cortado
- A passagem da linha férrea prevista no percurso já não está acessível o que obriga a um desvio adicional de ~1 km pela estação de comboios da Telhada.

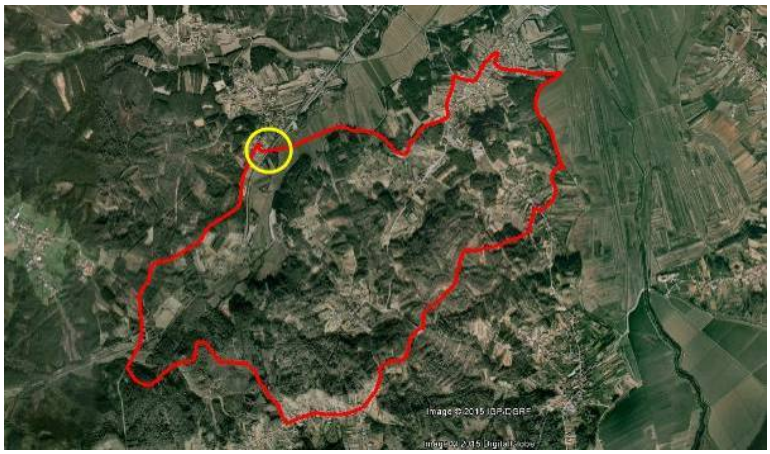


Figura 2 – Rota original numa imagem Google Earth. O círculo assinala a passagem da linha férrea que já não existe.

O percurso que agora se propõe persegue os seguintes objectivos

- Partida e chegada em Seiça
- Aproveitar ao máximo a paisagem dos arrozais
- Maximizar as possibilidades de observação de flora e fauna
- Evitar os percursos em alcatrão e no interior das povoações
- Encurtar a dimensão do percurso
- Propor derivações que permitam o acesso a outras áreas interessantes

2. Descrição do percurso

Os caminhos estudados encontram-se na figura 3.

Analisamos caminhos que complementem uma rota, adequada a ser realizada em qualquer um dos sentidos.

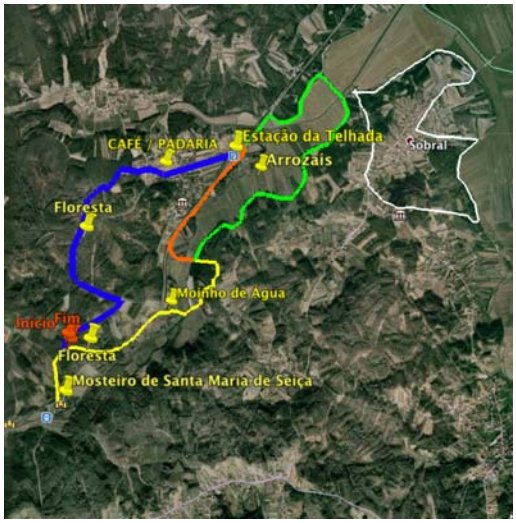


Figura 3 –Caminhos estudados. A amarelo o troço do Mosteiro ao Casenho (~2Km); A verde da Ponte com escadas à Telhada (~5,30Km); A laranja caminho curto (~1.30Km) até á telhada; A azul da Estação da Telhada ao Mosteiro (~3Km) A branco uma das derivações propostas.

Após várias visitas aos locais descritos na figura 3, o grupo de estudo da Rota de Seiça da Associação SMS propõe a Rota descrita na Figura 4.

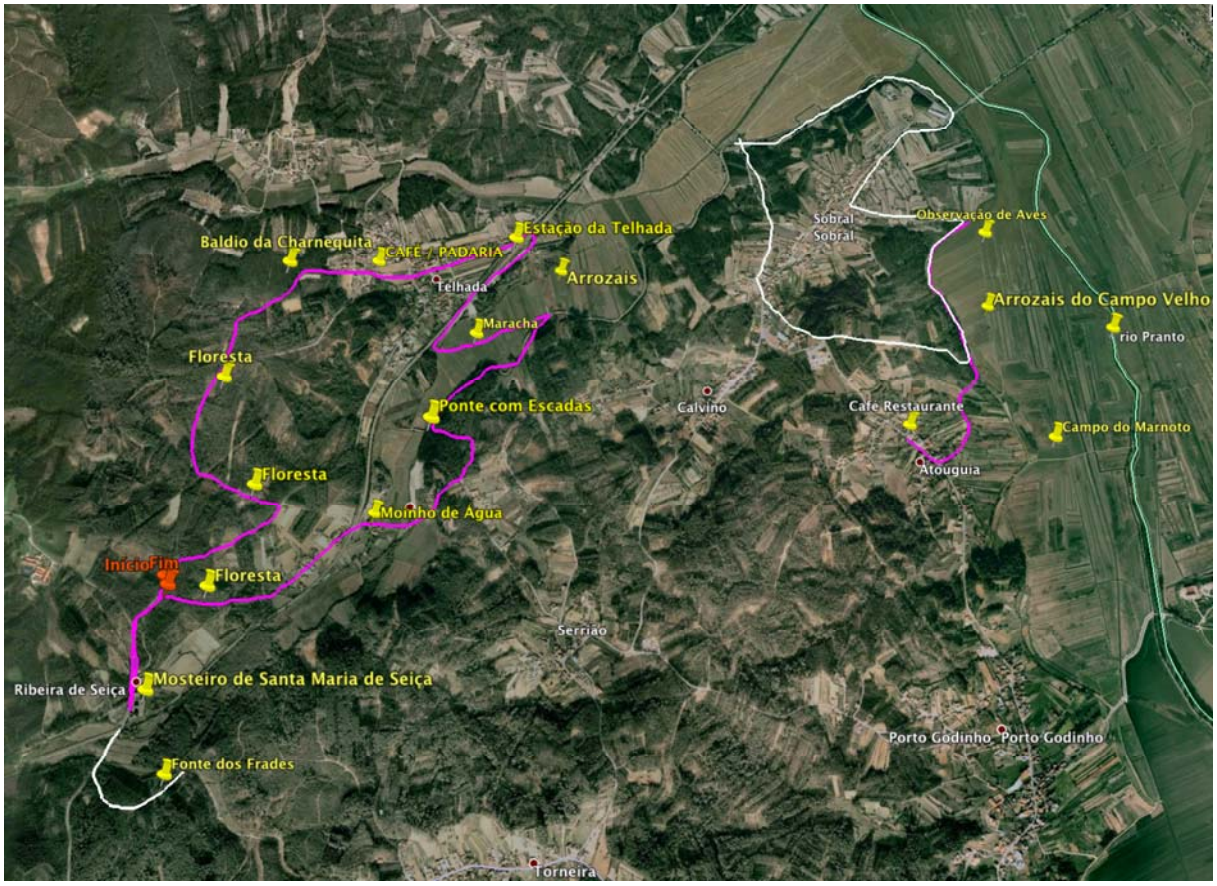


Figura 4 – Proposta da Nova Rota de Seiça. A rosa a rota principal com início e fim no Mosteiro. A branco duas derivações que consideramos interessantes: A primeira derivação começa no Mosteiro de Santa Maria de Seiça e acaba na Fonte dos Frades; A segunda derivação proporciona um belíssimo caminho ao longo dos arrozais do Campo Velho / Marnoto para observação de aves e flora.

Na figura 5 podem comparar a rota antiga com a nova proposta.

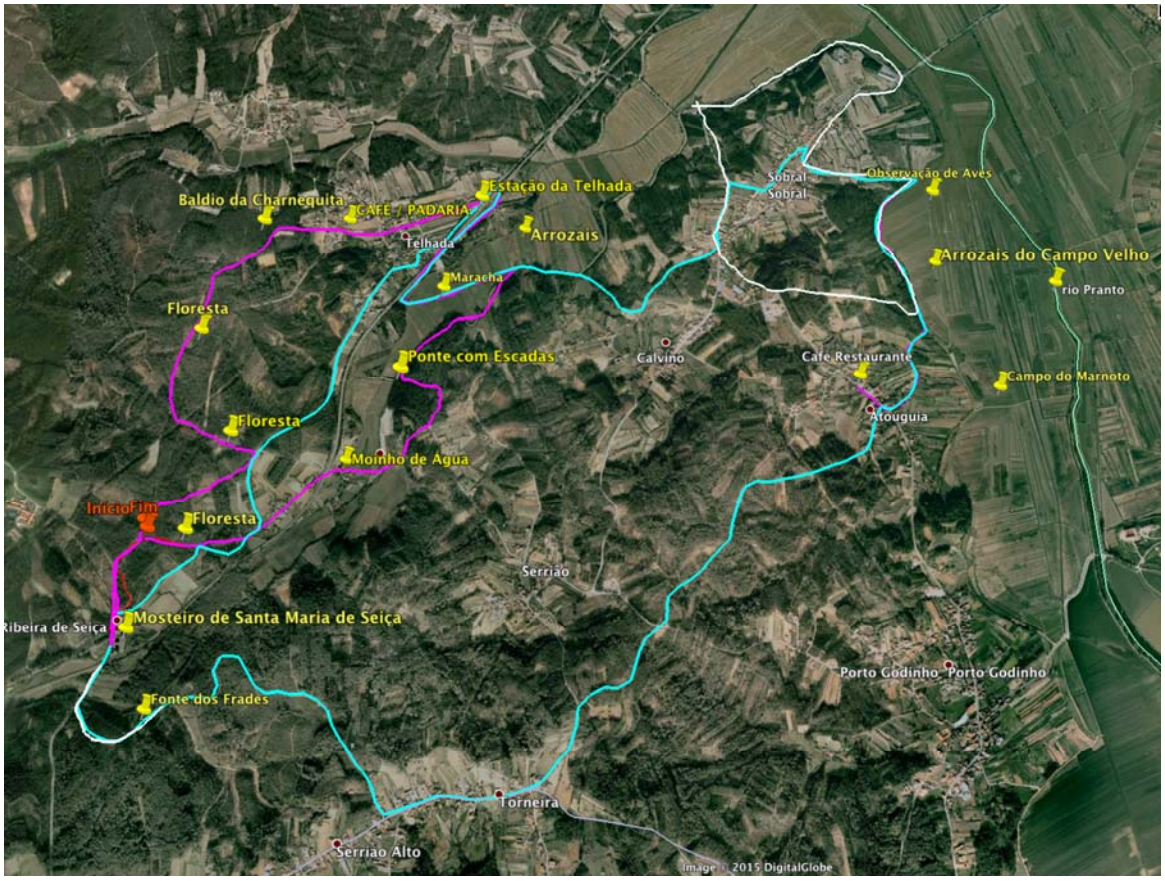


Figura 5 – Comparação da rota antiga com a nova proposta. A Azul a rota antiga; A rosa a nova proposta; A branco as derivações propostas.

2.1 Troço Seiça-Casenho [1] **0.97 km**

Sai-se de Seiça por caminho de terra com uma bela vista para o Convento. Vira-se à direita na estrada alcatroada que se segue por poucos metros, entrando à direita por um caminho florestal.

[1] *Notas do percurso realizado a 25/10/2014 pelos exploradores (ordem alfabética): Maria Rosa Antonnen, Stephanie Ferreira, Rui Couto, Eduardo Mergulhão Dias, Sílvio Gaspar, Paulo Jordão, Luis Matias, Guida Medlam, Inês Pinto.*

Sobreiro (Quercus suber) *Estevinha / Sargaço (Cistus salvifolius)*

É um caminho rico em espécies vegetais. Encontramos pinheiros bravos, eucaliptos, acácias. Também se vêm chaparros (*quercus suber*) e Carvalhos Cerquinho (*quercus rubur*). Mais rente ao chão podemos ver urze, abrunheiros, trovisco, espargo, sargaço.

Continuamos a identificar várias ervas, como sejam a "Hortelã de Burro", a "Videirinha do Norte", o Bunho que dá para fazer esteiras para a praia. Vemos também muitos cogumelos, habituais nesta época do ano. Encontramos a pena de um pombo bravo e ficamos a saber que eles gostam de comer pinhões e por isso poisam no alto dos pinheiros bravos. Vemos ainda giesta, a "bolsa do pastor", leituga ou rúcula brava que é uma planta comestível, como aliás muitas que vamos encontrando pelo caminho. Também encontramos carqueja. Na terra dos meus avós (serra do Açor) a carqueja era usada na cama dos animais e também para chamuscar o porco no dia da matança, dia de festa na aldeia.

O caminho encontra-se interrompido alguns metros por mato e ramos a precisar de limpeza. A dificuldade pode ser torneada com um desvio e uma descida um pouco mais íngreme que nos permite passar ao pé de uma colmeia. No final do desvio encontramos algum lixo e uma pequena linha de água que passa a ser o nosso caminho. Há também um poço que irá precisar de ser tapado.

Um cruzamento de linhas de água coloca uma dificuldade adicional e molhamos os pés pela primeira vez. Local a rever de forma a facilitar futuras passagens.

No final desembocamos na Rua dos Moinhos de água já no Casenho.

2.2 Rua-dos-Moinhos[2] **0.30 km (1.27 km)**

Trata-se de um caminho alcatroado entre casas. Vêm-se várias piteiras e outras plantas vistosas. Vemos pelo chão largos tufos de malvas, erva muito usada em medicina tradicional desde longa data.

Esta rua deve o seu nome ao facto de ter nas redondezas vários **moinhos de água**. Uma história detalhada (e localização) pode ser encontrada neste link:

http://mosteirodeseica.com/seica/moinhos-da-ribeira-de-seica-e-do-casenho/

[2] *Notas do percurso realizado a 25/10/2014 pelos exploradores (ordem alfabética): Maria Rosa Antonnen, Stephanie Ferreira, Rui Couto, Eduardo Mergulhão Dias, Sílvio Gaspar, Paulo Jordão, Luis Matias, Guida Medlam, Inês Pinto.*

Dos moinhos recenseados, apenas um se encontra ainda em funcionamento. Há dados históricos que permitem afirmar que há 300 anos já existiriam moinhos de água nesta região. Seria interessante que algum destes moinhos pudesse estar acessível a visitantes, talvez mediante um contacto prévio. Na falta dessa visita as fotos no site indicado colmatam a curiosidade dos passeantes.

Uma adivinha: "Quando não há água o moleiro bebe água, quando há água o moleiro bebe vinho. Porquê?"

2.3 Casenho[3] **0.52 km (1.79 km)**

Atravessamos a linha dos caminhos-de-ferro e continuamos por estrada alcatroada com pouco movimento. É uma estrada arborizada onde encontramos vime e também a "cana da índia". Vemos oliveiras que este ano estão pouco carregadas de azeitona que não valerá a pena apanhar. As árvores encontram-se muitas delas com eras trepadeiras. As suas bagas são um alimento para os tordos e outros pássaros. Vêm-se papoilas e amieiros.

Vimes

Bugalhos

Vêm à memória alguns ditos populares como sejam "que o carvalho dá 4 frutos por ano, Bogalhos e Bogalhas, Bolotas e Maçãs Cucas".

[3] *Notas do percurso realizado a 25/10/2014 pelos exploradores (ordem alfabética): Maria Rosa Antonnen, Stephanie Ferreira, Rui Couto, Eduardo Mergulhão Dias, Sílvio Gaspar, Paulo Jordão, Luis Matias, Guida Medlam, Inês Pinto.*

Passamos sem dar por isso por cima das valas nas quais circula a água que servia os moinhos da região. Na ponte passamos por cima da Ribeira de Seiça que seria navegável até ao Convento, para escoamento de produtos agrícolas.

2.4 Acesso[4] **0.36 km (2.15 km)**

Entramos de novo no caminho florestal que irá dar acesso ao arrozal da Ribeira de Seiça. Muitas árvores e ervas, distinguindo-se agora vários sobreiros cuja cortiça não é aproveitada.

Quercus coccifera

[4]*Notas do percurso realizado a 25/10/2014 pelos exploradores (ordem alfabética): Maria Rosa Antonnen, Stephanie Ferreira, Rui Couto, Eduardo Mergulhão Dias, Sílvio Gaspar, Paulo Jordão, Luis Matias, Guida Medlam, Inês Pinto.*

Um olhar mais atento identifica aqui duas tocas de raposa ou texugo. As gentes da terra contam-nos que as raposas com fome têm atacado os galinheiros chegando a entrar mesmo em vilas maiores como o Paião.

Mais à frente curvamos à esquerda e o caminho, sendo transitável, pode precisar de alguns arranjos para facilitar. Aproximamo-nos do arroz e os mosquitos começam a ser insistentes. É recomendável o uso de roupa adequada e se possível repelente de insectos

O caminho tem alguma humidade no solo e também algum lixo. Identificam-se aqui os dentes de leão e também uma generosa colónia de fungos no tronco de um eucalipto. Chegamos à vala que ladeia o arrozal por uma ponte em cimento com escada.

2.5 Arrozal até á Maracha[5] **0.74 km (2.89 km)**

O caminho faz-se sobre uma **"mota"**, elevação que bordeja o arrozal e dá acesso seguro a pessoas e tractores. Nos arrozais vêm-se **"marachas"**, pequenas elevações que apenas dão acesso a pé com os terrenos secos.

Uma Maracha *Arrozal*

Este percurso proporciona uma bela vista sobre o arrozal, vendo-se ao fundo choupos e salgueiros a ladear a linha de água. No arrozal não vemos qualquer ave, apenas um tordo ou corvo a esvoaçar de um lado para o outro. Do outro lado da vala seguimos ao lado da floresta, entrecortada ocasionalmente por campos de milho. Se não tivermos cuidado com os pés podemos pisar uma das muitas lesmas negras que abundam pelo caminho.

Ao longo do caminho vamos encontrando outras ervas como os pimpilhos (ou pimpinelas), saramagos e o Boredo, uma planta que vem muito nos adubos e rações para animais. Também se vêm os saramagos todos floridos. Na primavera e verão o caminho está coberto de macela(camomila)

A Mota com camomila *Saramagos*

2.6 Maracha – Estação da Telhada **1.21Km (4.1Km)**

A maracha (480 metros) que atravessa o arrozal está em mau estado e nem sempre é fácil de a ver quanto mais encontrar. É um dos troços que merece mais atenção e arranjo.

Tornar esta maracha transitável era uma mais-valia para a rota proporcionando aos visitantes uma belíssima paisagem do campo bem como das aves residentes: Cegonhas, Minhotos, Milhafres, Corvos, Garças Boieiras, Garças Reais, Patos Reais entre outros.

Após a travessia da maracha o percurso é feito num caminho transitável ao longo da linha do caminho-de-ferro até à estação da Telhada apenas com um pequeno troço em mau estado.

2.7 Estação Telhada – Pinhal[5] **0.67km (4.77 km)**

Este troço começa na **estação dos caminhos-de-ferro da Telhada** que pode vir a ser um ponto de interesse da Rota. Segue-se pelo alcatrão no meio da povoação com casas dispersas.

2.7.1 Interesse histórico da Telhada

Em 1297, o Mosteiro de Santa Maria de Seiça destinava ao cultivo e povoamento o lugar de Telhada através de carta de Emprazamento. O emprazamento era um contrato agrário temporário ou em vidas (em vigor até á morte do contractuante). A Telhada é o local mais antigo da "Terra Nova" do couto do Mosteiro.

Em 1849 a quadrilha de ladrões de Verride apossaram-se da Casa de António Braz, da Telhada para se reunirem e combinarem os crimes. Esta casa era afastada da povoação.

O troço da linha do Oeste entre Leiria e Figueira da Foz foi inaugurado em 17 Julho 1888. A povoação da Telhada teve primeiramente um apeadeiro e em 1913 já tinha estatuto de Estação (até 1984).

Em 1901 um bandido espavorido assassinou no cais da estação o Professor oficial do Alqueidão, Manuel Almeida Cruz. A multidão presente na estação deu tanta pancada ao bandido que este acabou por falecer ali na gare. A população recusava sepultar o bandido sendo necessário o Juiz de Direito ordenar a sua sepultura. O cadáver foi transportado ao léu num carro de bois para o cemitério do Paião.

Na marca Café Padaria (ver figura no mapa) encontra-se à saída da povoação um **café/padaria** que pode ser uma boa referência no percurso.

[5] *Notas do percurso realizado a 29/03/2015 pelos exploradores (ordem alfabética): Maria Rosa Antonnen, Manuel Cajão, Luis Matias, Guida Medlam, Stephanie Ferreira.*

2.7.2 Percurso em Mata Pinhal Telhada - Mosteiro **2.55km (7.32 km)**

Esta secção da rota (em azul na figura) é feita em mata, pinhal e estrada. Na mata e pinhal o percurso é feito em caminho de areia. Tem uma zona a meio do percurso bastante má onde colocaram tijolos. Necessita de ser arranjado para ser transitável em todas as épocas do ano.

Ficámos a saber que há zonas de eucaliptal que não voltaram a ser replantadas devido à regulamentação. Apenas são permitidos 3 cortes após os quais é necessário revolver o terreno e para isso é necessário pedir uma autorização da Câmara. A coima é de 900 €.

Atravessamos num pequeno troço o **baldio** da Charnequita (com 1469 pinheiros). Os baldios também poderão ser um ponto de interesse na apresentação da Rota. Em relação aos pinheiros no baldio da Charnequita vimos marcas do aproveitamento da resina. Após 4 "feridas" o pinheiro é "dado à morte". As feridas são feitas uma vez por ano, espaçadas de 80 cm. A exploração faz-se de Março a Novembro. A **resinagem** pode ser um bom tema a desenvolver. Na estrada velha (E109) para Leiria, em Veirinhos, há uma fábrica para o aproveitamento da resina (dos filhos do Manuel Gameiro). Usa-se no fabrico de pez e aguarás.

Depois de se passar pelo baldio, uns 200 metros cruzamos a estrada (rua da Estação) e atravessamos para a segunda mata. Nesta mata encontramos um coelho no caminho.

À saída da mata entra-se na estrada alcatroada rumo ao Mosteiro. O percurso no alcatrão é de apenas 1Km. A estrada alcatroada está ladeada por floresta de eucaliptos e pinheiros, com um sobreiro ou outro que por lei não podem ser arrancados.

3. Derivações

3.1 Fonte dos Frades **(2.0 km, ida e volta)**

Esta derivação permite ao visitante ter a melhor vista sobre o Convento de Santa Maria de Seiça, para além de passar na Fonte dos Frades (que servia a Fábrica dos Pirolitos existente nos anos cinquenta). Depois de um curto trajecto pelo alcatrão, acede-se a um caminho ladeado de árvores e sombras muito agradável. A subida da ladeira faz-se por um terreno despido onde os eucaliptos foram arrancados, mas o visitante é premiado pela melhor vista do "Vale Encantado".

3.2 Arrozais do Rio Pranto **(4.7 km, circular)**

Esta derivação proporciona ao visitante um percurso adicional nos arrozais do Rio Pranto com excelentes vistas para a outra margem (Vinha da Rainha, Porto Godinho, Quinta do Seminário, Termas do Bicanho, etc.). Nesta região realiza-se anualmente a "Corrida das Barcas" organizada pela Juventude da Borda do Campo, nos inícios do mês de Maio.

O percurso rosa na figura indica um acesso rápido aos arrozais do Campo Velho através da povoação da Atouguia. Este caminho foi feito pelo Dr. Rui Sousa que a considerou muito bonita e identificou as seguintes espécies:

Espécies arbóreas registadas, com potencial para valorização:

Pinheiro-bravo
Eucalipto
Choupo-negro
Choupo-branco
Salgueiro
Salgueiro-branco (Salix alba)
Acácia-mimosa (Acacia dealbata)
Amieiro (Alnus glutinosa)

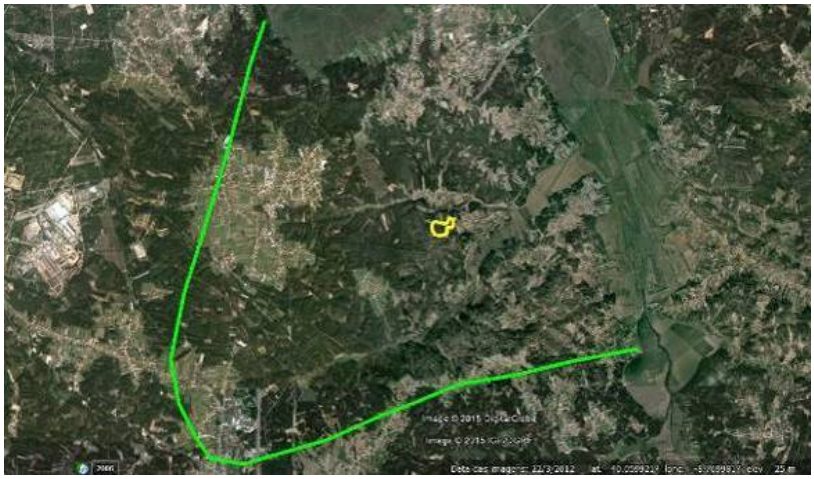
Espécies arbustivas e herbáceas registadas, com potencial para valorização:

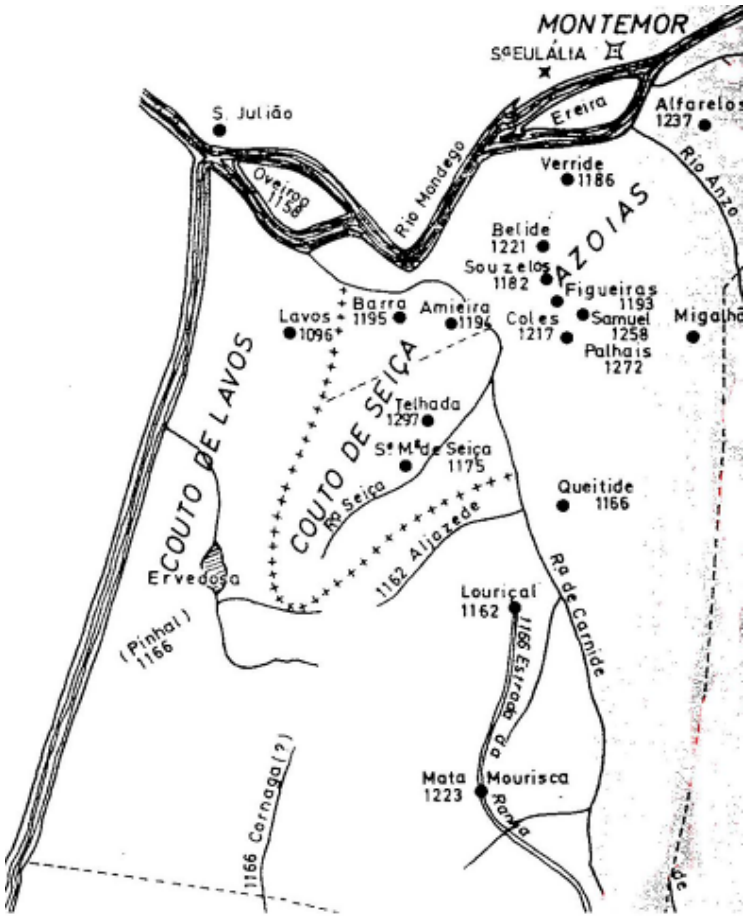
Tabua (Typha latifolia)
Escrofulária (Scrophularia canina)
Plantago (Plantago major)
Colhereiro (Alisma lanceolatum)
Scirpoides holoschornus
Cyperus eragrostis
Corriola (Convolvus arvensis)
Urze (Erica arbórea)
Junco (Juncus inflexus)
Loureiro (Laurus nobilis)
Acacia (Acacia melanoxylon)
Salgueirinha (Lytrum salicaria)
Erva-das-sete-sangrias (Lithodora prostrata)

Nota: As espécies descritas em cima também se encontram facilmente no percurso principal ao longo do arrozal / maracha.

4. Outros

Aqui incluímos as referências geográficas ao **Couto de Seiça** (a verde na figura) e ao **baldio da Charnequita** (a amarelo).





Junto ao nome de cada povoação, encontram-se as datas mais antigas que aparecem referidas nos documentos do sec. XI e XII